

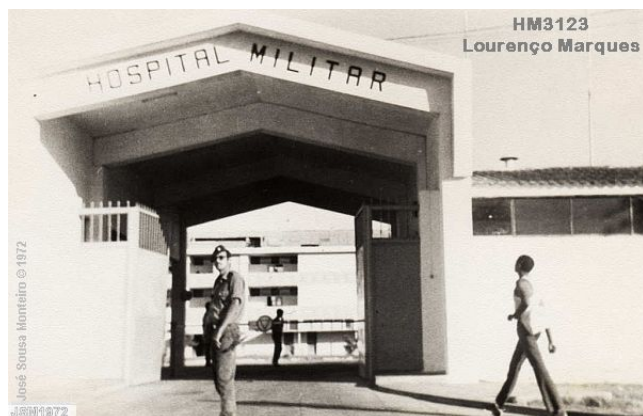
# Apoio Médico-Sanitário

1963 – 1975

teatro-de-operações  
de

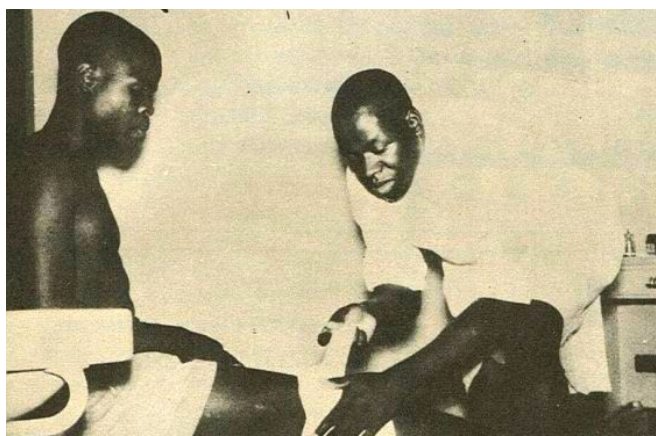
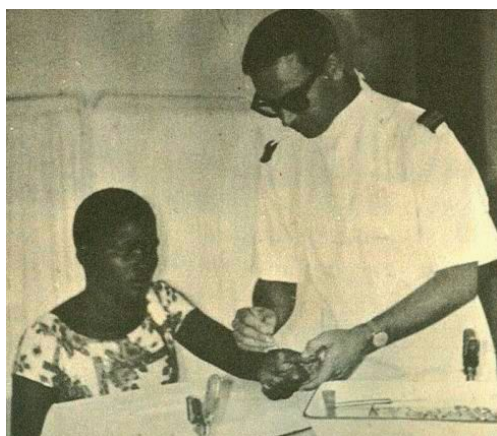
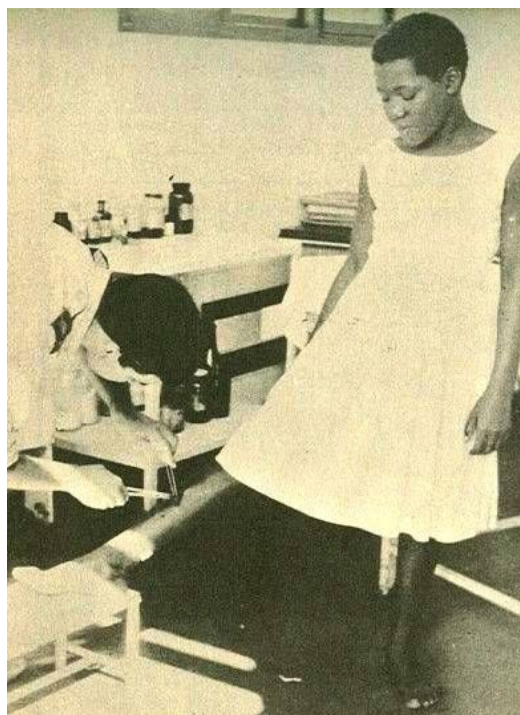
## Moçambique

(subsídios para a História)



– «O relatório apresentado em 1963 pela missão da OMS sobre as três possessões portuguesas em África, conclui afirmando: "1º- Que os Serviços de Saúde destes três territórios são exemplares.»<sup>1</sup>

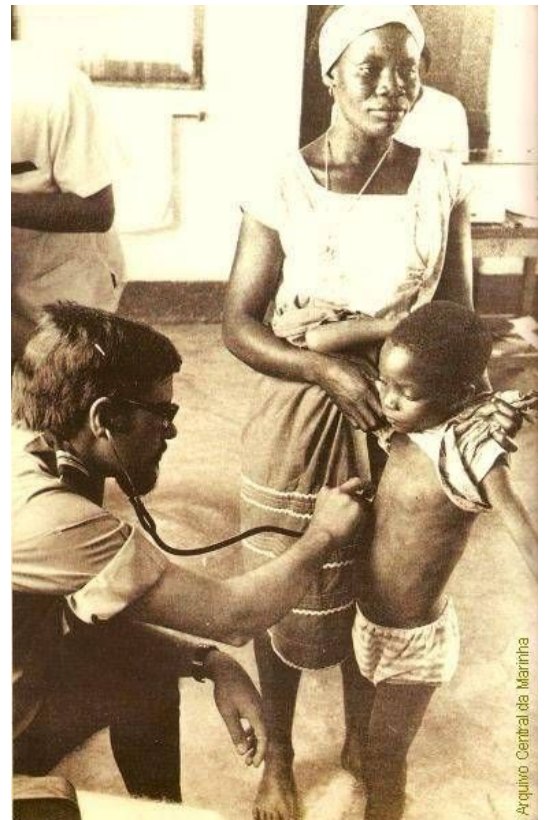
<sup>1</sup> (John Biggs-Davison, in "Portuguese Guinea - Nailing a Lie" pp.19/20, Londres 1970)





– «Os nossos serviços de saúde na Guiné, em Angola e em Moçambique, nunca perguntavam aos que os procuravam qual a sua nacionalidade e atendiam por igual, os portugueses e os naturais dos Estados vizinhos, os quais na falta de meios de tratamento nos seus países acorriam aos nossos territórios.»<sup>1</sup>

<sup>1</sup> (Silva Cunha, op.cit pp.38/9)



Arquivo Central da Marinha



1969 – Maio.20

De manhã em Mueda, vindo do AM52-Nampula aterra no AM51 um Nordatlas dos reabastecimentos, de onde desembarca o CCFAM acompanhado por sua mulher, seguindo ambos para as instalações provisórias da 2ªEnfMilReg<sup>1</sup>, onde entregam «200 lençóis oferecidos por particulares» e visitam os feridos internados, após o que regressam ao QG de Nampula.

<sup>1</sup> (inaugurada oficialmente em Set73)



Chindorilho  
(Mueda > Sagal)

A primeira  
observação



Reduzir a dor



Pedir evacuação



Transporte



Embarque no helicóptero

– «O [hospital distrital] de Nampula (Egas Moniz) fôra inaugurado no fim de 1968. [...] Todos estes hospitais foram de facto objecto de obras importantes de actualização, em especial o hospital [Miguel Bombarda] de Lourenço Marques, que deveria beneficiar de maior ampliação e de outras adaptações essenciais. Para isso passou a ser dirigido pelo médico-inspector dr. António Joaquim Paulino, que fôra o responsável pela direcção clínica do novo hospital de Nampula onde tivera papel brilhante, que continuou em Lourenço Marques reestruturando o Hospital Central entre 1969 e 1971; (o dr. Paulino irá aparecer depois de 25 de Abril de 1974 no governo de transição de Moçambique como ministro da Saúde). [...] Moçambique dispunha exactamente no começo da década de 70, ainda mais do que Angola, de uma cobertura de saúde de toda a população e de serviços apropriados em escala não comparável em nenhum outro Estado africano – com excepção da África do Sul que, pela sua riqueza e nível de muitos dos seus serviços de saúde, especialmente hospitais, era caso à parte em África –, e em grande avanço sobre os outros países deste continente. [...] O número de camas hospitalares era da ordem das 8 mil, cabendo ao hospital central Miguel Bombarda (de Lourenço Marques) cerca de 1300 depois de reorganizado [com o serviço de urgência e reanimação dirigido pelo médico especialista dr. Daniel Cabeçadas]. [...] As camas das [184] maternidades rurais eram 1866 e as dos postos sanitários de cerca de 200 [tudo sob direcção do dr. Lorindo dos Santos Garcia, pioneiro dos serviços de saúde na Zambézia na década de 30 e que vai manter-se como director provincial dos Serviços de Saúde até 1974]. Havia ainda serviços militares de internamento.»<sup>1</sup>

<sup>1</sup> (Gonçalves Ferreira, em 15Jan70-31Jan72 secretário de Estado da Saúde e Assistência)

1970 – Novembro.4

No hospital militar de Lourenço Marques, com a presença do CCFAM general Kaulza de Arriaga e do major médico Reis Madeira, é inaugurado um novo pavilhão para fisioterapia e recuperação, cujo apetrechamento foi integralmente oferecido pela *Transvalse Suiderkruis*, ONG sul-africana presidida pela sr<sup>a</sup> Elizabeth Alprecht, que descerra uma placa comemorativa e pronuncia breve alocução, salientando as valorosas acções dos militares portugueses:

– «As tropas portuguesas batem-se nas fronteiras de Angola e de Moçambique, não só pela integridade do território nacional, mas também pela paz e tranquilidade de toda a África Austral. A oferta ao Hospital Militar de Lourenço Marques, é uma pequena oferta para um tão grande sacrifício, esse que os soldados estão fazendo em prol de todos, sacrifício esse que os sul-africanos actualmente compreendem e tentam humanamente agradecer.»

